

A ESCUTA COMO TERAPIA EM PLUTARCO: UMA LEITURA FOUCAULTIANA

THE LISTENING AS THERAPY IN PLUTARCO: A FOUCAULTIAN READING

FABIANO INCERTI*

Resumo: Este trabalho pretende investigar a importância da escuta na Antiguidade greco-romana, especialmente em dois tratados de Plutarco, como um exercício capaz de efetuar no sujeito a cura para uma enfermidade que ele designava quase incurável: a tagarelice. A partir dos últimos cursos e escritos de Michel Foucault poderemos perceber de que forma a escuta representou uma prática essencial para a subjetivação da verdade, que servia de defesa contra os acontecimentos imprevisíveis ou infelizes da existência e, principalmente, para uma terapia das enfermidades da alma.

Palavras-chave: escuta; verdade; cura; Foucault.

Abstract: This article intends to investigate the importance of the hearing skill in the Greek-Roman Antiquity, especially in what concerns to the two treaties of Plutarco, as an exercise that is capable of providing the cure for an illness that had been considered almost incurable: the chattiness. Starting from the last courses and written material by Michel Foucault we can realize in what way the listening skill represented an essential practice for the subjectivation of the truth, which served as a defense against the unexpected or unhappy happenings of one's existence and mainly as a therapy for the illnesses of the soul.

Keywords: Listening; truth; cure; Foucault.

Foucault, em seus últimos escritos, desenvolve a idéia de que nos exercícios espirituais (*ascēsis*) propostos pelos antigos greco-romanos para um cuidado sobre si mesmo, destacam-se aqueles relacionados à escuta. Escutar caracterizou-se, no interior de uma série de práticas, como ler, escrever, memorizar e meditar, a técnica primeira e mais privilegiada de subjetivação da verdade pelo sujeito. A apropriação do *lógos*, dos discursos verdadeiros, tinha a intenção de servir como defesa contra os acontecimentos imprevisíveis ou infelizes da existência.

Entretanto, a escuta servia também como uma terapia para a alma. Dois tratados de Plutarco falam diretamente sobre o assunto: *Peri toû akoúein*¹ e *De*

* Fabiano Incerti é mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: fincerti@marista.org.br

¹ PLUTARCO. *Como Ouvir*. Tradução de João Carlos Cabral Mendonça São Paulo: Martins Fontes, 2003.

garrulitate.² Nesses dois casos, a escuta aparece como uma forma de terapia para um mal que Plutarco considerava quase incurável: a tagarelice. Mas do que se trata essa enfermidade? Que relação mantém com a alma? Como a escuta pode servir de terapia para tal enfermidade? A partir dessas considerações, pretendemos analisar nesse texto, primeiramente a estreita relação da filosofia com as práticas médicas e terapêuticas na Antiguidade, compreendidas pelo próprio Plutarco como “um único e mesmo campo” (*mía chôra*); e segundo, mostrar, a partir das práticas propostas por Plutarco como o aprendizado da escuta, a economia estrita das palavras e o exercício do silêncio, de que forma o sujeito enfermo opera sobre si mesmo uma transformação, capaz de curá-lo, tornando-o apto a reter em sua alma a verdade.

FILOSOFIA E MEDICINA NA ANTIGUIDADE

No terceiro volume da *História da Sexualidade*³, Foucault recorda que na medida em que o cuidado de si vai assumindo uma dimensão da prática adulta, que se deve exercer em toda vida, o papel pedagógico vai desaparecendo, para o surgimento de outras funções. Uma delas é a terapêutica. Intensifica-se a aproximação da filosofia com a prática médica. No centro está o conceito de *páthos*, que é válido tanto aos males do corpo, quanto aos males da alma. Como escreve Foucault acerca desse conceito:

Ele tanto se aplica à paixão como à doença física, a perturbação do corpo como ao movimento da alma; num ou outro caso refere-se a um estado de passividade que, para o corpo, toma a forma de uma afecção que perturba o equilíbrio de seus humores ou de suas qualidades e que para a alma, toma a forma de um movimento capaz de arrebatá-la apesar dela própria.⁴

Os exemplos dessa relação multiplicam-se na Antiguidade. Tanto em epicuristas, como nos cínicos e estóicos, a filosofia ocupa um papel de terapia ou mesmo de cura para as doenças da alma. Especialmente no estoicismo é criado um esquema “nosográfico”, fixando os graus crescentes de desenvolvimento e de “cronicidade” dos males. Em Sêneca podemos encontrar várias situações. Na carta 64, ele aponta para a comparação entre a terapêutica do corpo com a medicina da alma.

Mas admitindo que antigos já descobriram tudo, no uso, no conhecimento, na organização dessas descobertas haverá ainda assim uma parte de novidade.

² *De garrulitate*. (*Tratado sobre a Tagarelice*) In: PLUTARCO. *Obras morales y de costumbres* (moralia) VII. Tradução de Rosa Maria Aguilar. Madrid: Editorial, 1995. (tradução nossa)

³ FOUCAULT. *História da sexualidade*: o cuidado de si. Vol. 3. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

⁴ Idem, p. 60.

Imagina, por exemplo, que nos foi transmitida a receita para a cura das doenças dos olhos: não será necessário procurar novas fórmulas, mas haverá que adequar os medicamentos conhecidos às doença e à situação concreta. Esse remédio trata a vista inflamada; aquele faz diminuir o inchaço das pálpebras, este outro evita que os olhos purguem subitamente; aquele além aumenta a acuidade da visão: será necessário preparar os ingredientes, escolher o momento oportuno para a aplicação, determinar a posologia em função de cada caso. Ora os antigos inventaram os remédios adequados aos males da alma. Mas cabe-nos a nós averiguar o modo e a ocasião em que eles devem ser aplicados.⁵

Há, entre as duas terapêuticas, noções comuns que podiam ser usadas tanto para o corpo, quanto para a alma. Elas permitiam que fosse possível aplicar o mesmo tipo de análise e também o mesmo gênero de abordagem para a intervenção em ambos os campos.⁶ Sêneca, na carta 75, além de caracterizar o que se poderia entender por uma doença da alma, classifica os doentes entre aqueles curados parcialmente, mas ainda não de seus vícios, daqueles que se curaram, mas ainda estão frágeis pelas disposições ainda não corrigidas.

Já há muito tempo tenho dito qual a diferença entre as doenças da alma e as paixões. Vou recordar mais uma vez: doenças da alma são os vícios, tais como a avareza e a ambição; tais vícios ocupam a alma com tanta intensidade que se transformam em enfermidades crônicas. (...) As paixões, essas, são impulsos da alma condenáveis, súbitos e intensos, os quais, se se tornarem freqüentes e não refrigerados, podem degenerar em doenças da alma: um pouco a maneira do catarro, que, se apenas momentâneo, ocasional, se limita a provocar tosse, mas se se tornar contínuo, crônico, degenera em tuberculose.⁷

Desenvolve-se assim, na Antiguidade um conjunto de metáforas médicas para apontar para práticas em relação à cura da alma. São expressões como cuidar, amputar, purgar e curar. Um bom exemplo disso encontramos em Epicteto, que exige que sua escola seja considerada antes um “hospital”, do que um simples lugar de formação.

⁵ SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. 2ª. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 227.

⁶ Foucault reconstrói o que no estoicismo foi conhecido como uma grade de análise válida tanto para os males da alma quanto para os do corpo. “ (...) nele se distingue inicialmente a disposição para os males, a *proclivitas*, que expõe às doenças possíveis; em seguida, há a afecção, a perturbação que em grego, é chamada de *phatos* e em latim *affectus*; posteriormente, a doença (*nosema, morbus*), que é estabelecida e declarada quando a perturbação instalou-se no corpo e na alma; mais grave, mais durável, é a *aerogratio* ou o *arrestema*, que constitui um estado de doença e de fraqueza; enfim, há o mal inveterado (*kakia, aegrotatio, inveterata, vitium malum*), que escapa a qualquer cura provável. FOUCAULT. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. Op. cit, p. 60.

⁷ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Op. cit, p. 309.

A escola do filósofo, senhores, é um hospital (*iatreion*):

não se deve ao sair, ter gozado, mas sofrido. Pois não frequentais a escola de filosofia porque e quando estas em boa saúde. Este chega com o ombro deslocado, aquele com um abscesso, o terceiro com uma fistula, outro com dores de cabeça.⁸

Foucault, comentando essa passagem de Epicteto, acrescenta:

Ele insiste muito junto aos seus discípulos que tomem consciência de sua condição como de um estado patológico; que não considerem de início e antes de tudo como escolares que vem buscar conhecimentos em quem os possui, mas que se apresentem a título de doentes como se um tivesse o ombro deslocado, o outro um abscesso, o terceiro uma fistula e aquelas dores de cabeça. Ele os reprova de vir junto a ele não para se fazer cuidar (*therapeuthesomenoi*), mas para retificar seus julgamentos e corrigi-los (*epanorthosontes*).⁹

As escolas de filosofia para Epicteto carregam consigo esse pleno sentido de salvação. Seu objetivo, por meio da leitura de textos clássicos e dos comentários dos mestres é levar o discípulo para a percepção da própria debilidade e incapacidade a respeito do que lhe é necessário. Antes de qualquer coisa o aluno deve procurar a escola reconhecendo sua patologia; como um doente que precisa de médico.

Quem vem à escola para curar-se? Quem? Quem para conseguir purificar seus prazeres, que para fazer-se consciente daquilo que lhe falta? Então, por que vos admirais se da escola voltarás levando o mesmo traje? Porque, desde o início não vieste para despojar-se de algo ou para retificar-se ou para colocar outras coisas no lugar daquelas (...) Quereis aprender os silogismos? Primeiramente curais vossas feridas, estancai o fluxo de vossos humores, acalmai os vossos espíritos e venha para a escola sem distrações e compreenderá quanta força tem a razão.¹⁰

Admitir-se doente significava o primeiro passo em direção à cura. O sujeito precisa assumir certo estado de passividade em relação às doenças da alma, como naturalmente acontece com as doenças do corpo, para se reconhecer necessitado de ajuda e de medicação. Não basta aceitar-se ignorante ou mal formado, mas sim alguém que padece de alguns males e que deve entregar esse cuidado a um profissional. Epicteto relembra ainda que o princípio da filosofia é o reconhecimento dos próprios limites. Dar-se conta dessa limitação é, para ele, a verdadeira e única forma de filosofia. “O princípio da filosofia, ao menos entre quem

⁸ EPICTETO. *Disertaciones*; por Arriano. Tradução de Paloma Ortiz García. Madrid: Editorial Gredos, 1993, p. 341-342. (tradução nossa)

⁹ FOUCAULT. *História da Sexualidade: o cuidado de si*. op. cit, p. 61.

¹⁰ EPICTETO. *Disertaciones*. op. cit, p.187.

a alcança como se deve e pela porta, é a percepção da própria debilidade e incapacidade em respeito ao necessário.”¹¹

A ESCUTA COMO TERAPIA DA ALMA EM PLUTARCO

A escuta servia também como uma terapia para a alma. Esse é um dos elementos principais que encontramos nos escritos de Plutarco. Terapia para a alma daquele que Plutarco reconhecia ser possuidor de uma enfermidade quase incurável: a tagarelice. No exercício da cura para essa enfermidade é que se destacam alguns elementos fundamentais da cultura de si na Antiguidade, como por exemplo: a escuta como forma de aquisição do *logos*, o domínio sobre si mesmo, a importância e nobreza do silêncio, a economia estrita das palavras e a meditação como exercício de retenção da verdade na alma.

O que pretendemos a partir disso é apontar de que forma, em Plutarco, a escuta assume um caráter de terapia da alma; uma prática capaz de ajudar o tagarela a curar o seu mal. Começaremos pela identificação da gravidade dessa enfermidade, em seguida passaremos para sua classificação no esquema “nosográfico” das doenças e por fim, mostraremos a escuta como forma de terapia para a alma.

No primeiro parágrafo de seu tratado *De garrulitate*, Plutarco inicia caracterizando o problema, seus sintomas e conseqüências.

Penosa e difícil é para a filosofia a cura da tagarelice. Pois seu remédio, a palavra, é próprio de quem escuta, mas os tagarelas não escutam a nada, porque sempre estão falando muito. A falta de silêncio leva consigo um primeiro mal, a impossibilidade de escutar. Pois é uma surdez voluntária de pessoas que a meu ver, contrariam a natureza, por ter só uma língua e dois ouvidos.¹²

Foucault, ao analisar esse texto, recorda que Plutarco denomina ironicamente essa enfermidade como uma curiosa *anomalia fisiológica*.¹³ Ela consiste no fato de que no tagarela, o ouvido não se comunica diretamente com a alma, mas pelo contrário, se comunica com a língua, gerando nele a incapacidade de reter para si o *logos*. Na medida em que ouve uma lição, um poema, ou a palavra do mestre, imediatamente transforma isso em discurso, não guardando nada em sua alma. “Se a menor palavra alcança ao tagarela, em seguida a devolve como um eco: (...), pois neles a audição não penetrou nunca através da alma, mas sim através

¹¹ Idem, p. 188.

¹² *De garrulitate*. In: PLUTARCO. *Obras Morales*, op. cit, p. 245.

¹³ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 411-412.

da língua. Por isso, nos demais as palavras permanecem, mas nos tagarelas elas fluem.”¹⁴

A importância de guardar na alma o que se ouve, também é trabalhada por Plutarco em seu *Tratado sobre a Tagarelice*.

Para recolher o que é derramado, as pessoas inclinam os vasos e voltam para a posição inicial, para que o líquido verta realmente para dentro e não para fora; os jovens, entretanto não aprendem a se dispor e adaptar, com a devida atenção o seu ouvido a quem lhes fala de sorte que nenhuma palavra útil lhes escape.¹⁵

Uma primeira característica diretamente ligada a essa enfermidade consiste no fato de que pela incapacidade de reter o *logos* em si, o tagarela torna-se facilmente um recipiente vazio. Tudo o que recebe pelos ouvidos escoia pelas suas palavras, impossibilitando que o *logos* possa ter uma ação direta sobre sua alma.

Outra característica é que o tagarela é aquele que não tem cuidado com a fala, isto é, com aquilo que Foucault designa de *lexis*. A *lexis* é a forma, a técnica, o cuidado com a transmissão da palavra. Na Antiguidade a tagarelice não está relacionada somente a quantidade ou ao excesso de palavras transmitidas, mas antes ao descuido com seu conteúdo, forma e técnica de transmissão. Poderíamos afirmar que a tagarelice, nesse sentido, é o oposto do que Foucault designa como a *parrhesia* (franco-falar).¹⁶ Por isso, na Antiguidade, será desenvolvido um cuidado com a forma de organização do discurso. Pode-se falar de modo útil, mas também de modo inútil ou mesmo nocivo. A *léxis* consiste na maneira certa de dizer as coisas.

Identificada a doença, podemos tentar compreender de que forma a Plutarco a classifica no conjunto das doenças. No esquema “nosográfico”, a tagarelice está classificada como uma doença da alma. Mas em que sentido? De todas as paixões e enfermidades, umas são perigosas, outras são odiosas, outras geram deboche, mas a tagarelice são todas ao mesmo tempo: os tagarelas são motivos de ironia por seus relatos vulgares, são objeto de ódio por suas predições malélicas e de perigo se não dominam o que devem dizer. “Cria que a lín-

¹⁴ *De garrulitate*. In: PLUTARCO. *Obras Morales*, op. cit, p. 246.

¹⁵ PLUTARCO. *Como Ouvir*. op.cit, p. 11.

¹⁶ Como Foucault afirma na aula de 10 de março, do curso de 1982: “Na *parrhesia*, o que está fundamentalmente em questão é o que assim poderíamos chamar, de uma maneira um pouco impressionista: a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, de maneira como se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. \o termo *parrhesia* está tão ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala que os latinos justamente traduziram *parrhesia* pela palavra *libertas*. (...) E muitos tradutores franceses utilizaram para traduzir *parrhesia* – ou traduzir *libertas*, nesse sentido – a expressão franco-falar, tradução que veramos me parece mais adequada.” FOUCAULT. Michel. *A hermenêutica do sujeito*, op. cit, p. 450-451.

gua precisa de um freio poderoso.”¹⁷ Este era o caso de Zenón, o filósofo, que para não deixar escapar nenhum segredo contra a sua vontade violentou seu corpo com tormentos, cortou sua língua e a entregou ao tirano.

Plutarco recorda constantemente que diferente das doenças do corpo, que tem seus sintomas identificáveis com muito mais facilidade; as doenças da alma muitas vezes são imperceptíveis e enganam aqueles que as têm. Por isso, cabe ao doente identificar-se como portador da enfermidade. “Por esta razão os médicos não querem que o homem adoça, mas se isto acontecer, que não desconheça seu estado como ocorre em todas as doenças da alma. Pois os homens não acreditam estar equivocados ao fazer algo insensata ou licenciosamente, inclusive alguns pensam ter razão.”¹⁸

Identificada a enfermidade e sua classificação, passaremos agora a sua terapia. Retomando o primeiro parágrafo de seu tratado, Plutarco afirma: “Pois seu remédio, a palavra, é próprio de quem escuta, mas os tagarelas não escutam a nada, porque sempre estão falando muito. A falta de silêncio leva consigo um primeiro mal, a impossibilidade de escutar.”¹⁹

Ouvir, pois, constitui-se no remédio capaz de fazer com que o tagarela possa curar-se. Mas em que sentido ouvir pode significar uma cura? Podemos apontar aqui o que Foucault designa em Plutarco de uma escuta ativa, isto é, de um sentido *logikós* da escuta. Diferente de seu sentido *pathetikós*, na qual ela torna a alma passiva a tudo aquilo que é dito, seja algo bom ou ruim, no sentido ativo ela é por excelência o lugar de entrada da verdade, do *lógos*. Os outros sentidos, diz Plutarco, estão muito mais relacionados à paixão e também dão lugar ao erro. É pela visão, pelo olfato, pelo toque que se aprendem os vícios. Como ele nos lembra:

só a escuta reveste verdadeiramente os jovens de beleza viril e perfeita, proveniente da razão, e assim penso que não ouvirás de antemão, com desagrado, o que Teofrasto diz do sentido da audição: ele é entre os demais, o mais venerável; (...) ²⁰

Assim, ao tagarela resta aprender a ouvir, pois ela é a forma mais sublime de apreensão da virtude. Virtude que jamais vem dissociada do *logos*, da linguagem racional, da linguagem organizada e elaborada pela razão. Por uma escuta ativa, em seu sentido *logikós*, o enfermo é capaz de reter em si a verdade fazendo-a alcançar a alma. Refere-se a uma transformação de si por meio da escuta. Para Plutarco, somente a escuta como um hábito, adquirido por meio de um conjunto de exercícios austeros seria capaz de curar um tagarela.

¹⁷ *De garrulitate*. In: PLUTARCO. *Obras Morales*, op. cit, p. 253.

¹⁸ *Idem*, p. 235.

¹⁹ *Ibidem*, p. 243.

²⁰ PLUTARCO. *Como Ouvir*, p. 07.

Falta-nos, por fim, perceber como se desenvolve terapeuticamente essa escuta ativa (*logikós*) e como se executa o trabalho de purificação de toda forma de erro ou passividade involuntária. Para isso, Foucault nos ajuda, apresentando três momentos.

O primeiro trata-se do silêncio em seu princípio positivo. Plutarco relembra que o silêncio tem “algo de profundo, sóbrio e misterioso”.²¹ A escuta só encontra sua plena validade se acompanhada de uma coroa de silêncio, que faz aquele que ouve refletir e guardar em sua alma o que acabou de escutar. Evita ao sujeito derramar o *logos* no próprio discurso, fazendo-o calar-se quando necessário, guardando na alma a verdade transmitida. Eis a função da escuta, eis a função do silêncio.

No *De garrulitate*, ele dilui em um conjunto de práticas essa atitude do silêncio. A mais recomendada tem relação à economia estrita das palavras. Aprender a calar enquanto o outro fala e mais do que isso, aprender a guardar silêncio, em relação ao que os outros falam, até que todos contestem. É um exercício de renúncia à palavra e de aprendizado da escuta.

O segundo momento está relacionado a uma atitude ativa daquele que escuta. Há, assim, a necessidade de uma postura física que garanta o aproveitamento total daquilo que está sendo dito, sem nenhuma interferência ou agitação. Ela deve selar, numa maneira externa e corporal, uma atitude interna de tranqüilidade da alma. Sobre este ponto afirma Foucault:

Portanto, há uma regra fundamental de imobilidade do corpo, garantindo a qualidade da atenção e a transparência da alma ao que vai ser dito e, ao mesmo tempo, um sistema semiótico que imporá marcas de atenção; marcas de atenção pelas qual o ouvinte se comunica como o orador e, ao mesmo tempo, garante para si que sua atenção acompanhe bem o discurso do orador.²²

Trata-se de uma atitude de compromisso global, tanto do corpo, quanto da alma, em relação ao mestre e em relação ao que está sendo dito. É necessário que aquele que queira escutar, que deseje escutar o filósofo, tenha competência para tal. É o que Foucault chama de *empeiria*, isto é, uma habilidade para saber escutar.

O terceiro e último momento é o que Foucault chama de “atenção” (*Prosoché*) propriamente dita. O ouvinte que busca ser curado necessita focar a sua direção ao que está sendo dito de maneira correta, num estado de constante vigilância. Dois aspectos são fundamentais em relação a essa atenção. Primeiramente, como diz Foucault, “a atenção não deve ser dirigida para a gramática e para o

²¹ *De garrulitate*. In: PLUTARCO. *Obras Morales*, op. cit, p 250.

²² FOUCAULT. Michel. *A hermenêutica do sujeito*, op. cit p. 413.

vocabulário; não deve nem mesmo ser dirigida para a refutação das argúcias filosóficas e sofisticas. É preciso apreender o que é dito.”²³ A escuta deve ter sua atenção presa à *to prágma* (a coisa), isto é, a referência da palavra, a verdade que ela propriamente diz. Nesse sentido ela deve ser ouvida na medida em que pode transformar-se em preceito da ação.

E por fim, o outro aspecto refere-se à importância da memorização. Citando Foucault: “é preciso que a “coisa” (*to prágma*), assim que a tivermos ouvido da boca daquele que a pronunciou, seja recolhida, compreendida, bem apreendida no espírito, de modo que não escape em seguida.”²⁴ Daí que se torna possível construir na Antiguidade todo um conjunto de conselhos dados na ética da escuta, mas que já se trata de outra história.

Dessa forma, esse texto nos possibilita perceber de que forma a escuta, como uma prática de cuidado sobre si mesmo, vai se constituindo como um elemento fundamental na Antiguidade, especialmente na filosofia de Plutarco, como terapia aos males considerados da alma.

REFERÊNCIAS

- EPICTETO. *Disertaciones: por Arriano*. Tradução de Paloma Ortiz García. Madrid: Editorial Gredos, 1993. 460 p.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- PLUTARCO. *Como Ouvir*. Tradução de João Carlos Cabral Mendonça. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Obras morales y de costumbres (moralia) VII*. Tradução de Rosa Maria Aguilar. Madrid: Editorial, 1995.
- SENECA, Lúcio Annaeus. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. 2ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 713 p.

[recebido em março 2007; aceito em agosto 2007]

²³ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*, op. cit, p 421.

²⁴ *Idem*, p. 421.